

O uso da Pedagogia de Projetos como estratégia de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: contribuições para a qualificação profissional

The use of the Pedagogy of Projects as a strategy for teaching and learning in Adult and Youth Education: contributions to the professional qualification

.....

João da Costa Cavalcante Filho

Secretaria de Educação e Qualidade do Ensino

joao_c_filho@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem a intenção de discutir a melhoria do processo ensino-aprendizagem através do uso da Pedagogia de Projetos na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A Pedagogia de Projetos permite a elaboração de novos significados de experiências educacionais, permitindo também novos processos de aprendizagem, não se restringindo ao vivenciado em sala de aula, com o intuito de construção do conhecimento como processo sociocultural. Baseado em uma pesquisa bibliográfica, este texto tem ainda a intenção de promover a ressignificação da práxis docente na melhoria da formação dos alunos pertencentes à classe trabalhadora na realidade da cidade de Manaus, onde se localiza o Polo Industrial de Manaus (PIM). Defendemos a ideia que a formação de jovens e adultos deverá acontecer de forma significativa e atraente por meio de práticas contextualizadas pelos docentes que têm importantes trabalhos na Educação com Jovens e Adultos.

Palavras chave: pedagogia de projetos, EJA, formação na indústria

Abstract

This article intends to discuss improving the teaching-learning process through the use of project Pedagogy teaching mode of adult education (EJA). The pedagogy of projects enables the creation of new meanings of educational experiences, enabling new learning processes, not restricting to experience in the classroom to knowledge construction as socio-cultural process. Based on a literature search, this text has the intention to promote the ressignification of the teaching praxis in improving the training of students belonging to the working class in the city of Manaus, where the Manaus Industrial Pole (PIM). We defend the idea that the formation of youth and adults should be significantly and attractive through contextualized practice by teachers that have important work on Adult and Youth Education.

Key words: project pedagogy, EJA, training in industry.

Introdução

Este trabalho surgiu da reflexão sobre a prática educativa desenvolvida no sistema público de ensino na cidade de Manaus, na Escola Estadual Antenor Sarmiento Pessoa, localizada no centro comercial desta cidade, pertencente à Secretaria de Educação e Qualidade do Ensino (Seduc-Am). Esta escola conta com variadas turmas na modalidade de Educação de Jovens e Adultos em diversas fases educativas no turno noturno: da alfabetização ao ensino fundamental e médio.

Nas entrevistas realizadas com docentes atuantes na escola e que trabalham com turmas nas diversas fases da EJA, pudemos constatar que grande parte do alunando apresentava dificuldades no processo de aquisição de novos saberes e conhecimentos escolares. Pudemos conversar informalmente com alguns alunos, estes nos relataram a falta de motivação e dificuldades em aprender por causa do tempo em que ficaram longe dos estudos e/ou por sequenciadas repetências no percurso do ensino regular.

Devido às múltiplas dificuldades sociais e econômicas presentes na vida desses alunos, muitos são trabalhadores que retiram o próprio sustento por meio da atuação em lojas do centro comercial e adjacências, ou são empregados nas empresas do Polo Industrial de Manaus (PIM).

Nessa escola, durante o período de cinco anos (2010-2014), ao desenvolvermos aulas na área de Ciências Humanas nas disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia oferecidas em forma de blocos modulares com duração entre 2 a 4 meses, observamos que as turmas eram compostas em média por 30 a 45 alunos cada. Estes provinham das adjacências da escola, como também de bairros distantes da capital amazonense.

A média de idade era de 22 a 25 anos. Muitos deles já estavam inseridos no mercado de trabalho local, em sua maioria no setor de serviços (vendedores de lojas comerciais, atendentes de restaurantes ou lanchonetes, trabalhadores da construção civil ou segurança privada, etc.). Muitos, porém, experimentavam o fantasma do desemprego ou ainda buscavam uma oportunidade no mercado de trabalho local.

Os mais jovens, com a pouca ou nenhuma experiência, estavam a procura do primeiro emprego. O sonho de muitos alunos era poder conseguir uma oportunidade que garantisse o sustento pessoal e familiar. Também foi relatado o desencanto pessoal dos que estavam inseridos no mercado de trabalho com relação às dificuldades de inserção social, especialmente pela falta de qualificação profissional destes.

Percebemos ainda que grande parte do alunado apresentava pouco aproveitamento na aprendizagem escolar por causa dos comportamentos desmotivadores, como a apatia e desmotivação pelos estudos que, por sua vez, também afetavam aspectos importantes do desenvolvimento profissional (projeto de vida, oportunidade para qualificação profissional, emprego com melhor remuneração, obter uma nova vaga de emprego, etc.).

Levantamos a partir disso a questão: o que estaria acontecendo com a educação, com a escola e a própria aprendizagem diante do estado de desconforto e incapacidade que toma conta do professor diante do desafio de ensinar? Como promover uma aprendizagem motivadora que abranja e promova os interesses do alunado da Educação de Jovens e Adultos em busca de um ensino que não somente qualifique, mas ressignifique com novas práticas para o mundo do trabalho?

Nesse contexto, e na incessante busca por alternativas pedagógicas que contribuíssem para a melhoria do aprendizado do alunado na EJA, identificamos a Pedagogia de Projetos como importante proposta de ressignificação de ensino e aprendizagem. Assim, por meio de uma coleta bibliográfica, buscamos referenciais teóricos e metodológicos sobre os resultados dos projetos no ambiente escolar.

Sociedade, educação e formação para o trabalho

Vivemos tempos de mudança neste início de novo século. São tempos incertos diante da complexidade da vida em sociedade. Novas questões para novos tempos. Períodos marcados pelas incertezas e questionamentos para a sociedade, a ciência e a própria humanidade, com mudanças de cenários, mas não dos atores.

No final do século XX, o mundo constatou o quanto os recursos naturais são frágeis e esgotáveis. Ao mesmo tempo, avanços tecnológicos nunca antes imaginados invertem a importância dos fatores de desenvolvimento, transformando a inteligência, a criatividade e a sensibilidade em matérias-primas estratégicas, uma vez que, ao contrário das demais, quanto à esgotabilidade dos recursos naturais quanto à instabilidade dos mercados financeiros. (...) Uma civilização baseada na inteligência, que fará do potencial cognitivo, afetivo e social de homens e mulheres a medida de todas as coisas. (...) Diante de tal cenário, é pouco afirmar a prioridade da educação como uma política social a mais. Para fazer dela um fator de sustentação do desenvolvimento econômico e social, é preciso dar-lhe sustentação política de longo prazo a fim de que se transforme de política de governos em estratégia de Estado (MELLO, 2004, p. 27).

Nesse sentido, a qualidade da educação pública brasileira enfrenta ainda os percalços da falta de investimento nas políticas educacionais. A democratização do ensino, com o acesso de 97% da população em idade escolar no ensino fundamental, ainda significa pouco diante da grande dívida social com o povo brasileiro, ainda alijado em seu direito social à educação com qualidade, a fim de realmente vivermos em uma sociedade com princípios de democracia e cidadania (OLIVEIRA, 2008).

Segundo Brandão (2004), no contexto da organização da educação brasileira, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade apropriada. Assim, os sistemas de ensino devem oferecer oportunidades educacionais regulares, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

A Educação de jovens e adultos tem o seu papel educativo respaldado desde a Constituição Brasileira de 1988, como parte de uma “educação como direito de todos”, passando a ser reconhecida como dever do Estado. Também os artigos 37 e 38 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96) definem a EJA como educação “àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria” (OLIVEIRA; ADRIÃO, 2007).

Nesse cenário, a relação entre o setor produtivo e a educação nacional necessita ser revista diante de tantas e variadas mudanças na sociedade, na educação e na própria escola. Urge a busca por uma formação adequada ao novo perfil do trabalhador diante da globalização e do processo de reestruturação produtiva.

Na última década do século XX, a qualidade e a produtividade instituíram-se como referenciais incontornáveis das políticas públicas, num contexto de profundas transformações – ou daquilo que se denominou de “modernização” dos processos capitalistas –, desencadeadas, sobretudo, pelos efeitos da crise instalada no decorrer dos anos 1970 com o questionamento do keynesianismo e o fordismo como modelos reguladores do Estado e da economia. Esse período ficou marcado por profundas transformações nos processos produtivos e nas relações de trabalho, responsáveis pelas novas configurações de economia e sociedade (FIDALGO, 2012, p. 252).

A lógica mercantilista invade o espaço escolar, passando este a ser visto como um local de produção de novos saberes que se alinham às novas demandas de formação humana para o trabalho de qualificação do novo trabalhador.

A escola passa assim a ser confrontada com o discurso que aponta para sua ineficácia na produção de diploma. As qualificações nesse espaço são questionadas em relação à sua vaidade para as novas necessidades do mercado de trabalho. As competências aparecem, então, como uma lógica pedagógica capaz de possibilitar um redimensionamento das formas e dos conteúdos da formação dos trabalhadores, seja em relação à educação básica, seja em relação à formação profissional, e passam a ser uma espécie de guia ou mapa para formação do novo perfil de trabalhador. Educação continuada, formação em serviço, sociedade do conhecimento, organizações qualificantes, empregabilidade, competências, entre outras, são expressões que revelam uma contextualidade imbricada em determinismos sociais que, não raras vezes, se apresentam revestidos de um forte poder simbólico de convencimento que envolve o discurso da educação como instrumento ou meio assegurador de inserção profissional, de aumento da renda, enfim, de inclusão social (FIDALGO, 2012, p. 254).

Desse modo, a conjuntura socioeducacional em relação à educação e as políticas de formação técnico-profissional face à crise estrutural do desemprego e desenvolvimento desigual tem a marca da inserção e do ajuste dos:

países “não-desenvolvidos” ou em “desenvolvimento” ao processo de globalização e na reestruturação produtiva, sob uma base científica e tecnológica, dependem da educação básica, de formação profissional, qualificação e requalificação. Todavia, não é de qualquer educação e formação. Que educação e formação são essas, então? Trata-se de uma educação e formação que desenvolvam habilidades básicas no plano do conhecimento, das atitudes, dos valores, produzindo competências para gestão da qualidade, para a produtividade e competitividade e, consequentemente, para a “empregabilidade”. Todos estes parâmetros devem ser definidos no mundo produtivo, e, portanto os intelectuais coletivos confiáveis deste novo conformismo são os organismos internacionais (Banco Mundial, OIT) e os organismos vinculados ao mundo produtivo de cada país (FRIGOTTO, 2002, p. 44).

Quando se fala na realidade local referente às atividades do Polo Industrial de Manaus (PIM) a avaliação deste não destoa da situação presente em outras partes do mundo capitalista. O PIM é um instrumento econômico utilizado para promover o desenvolvimento da Amazônia. Hoje é um modelo de produção regional formado por indústrias *high-tech*, que apresentou, nos anos recentes, desempenho expressivo, não só em decorrência da dinâmica empresarial e de mercado em si, mas também como resultado das políticas de adensamento de cadeias produtivas e promoção comercial dos últimos dez anos (RIVAS, 2009, p. 41).

A política de incentivos do modelo Zona Franca de Manaus atraiu para o PIM cerca de 500 companhias, grande parcela delas, filiais de multinacionais dotadas de marcas mundialmente conhecidas (Nokia, Coca-Cola, Honda, Gillette, Harley Davidson, Sony, Philips, Panasonic, entre outras), todas as empresas de alta tecnologia que, juntas, representam investimentos acumulados superiores a US\$ 6,7 bilhões.

Na questão dos empregos diretos e indiretos e da relação qualificação profissional e salários médios em análise após a segunda década dos anos 2000, é possível perceber um crescimento importante ao se analisar que:

Em 2007, os empregos diretos atingiram, considerando a média mensal de todas as empresas operantes no PIM, 98.244 postos de trabalho, expressando um incremento de 96,48%, em face do ano de 2000, quando esta passava das 50 mil. Os empregos indiretos, espalhados pelo sistema produtivo formado por empresas de apoio ao Polo, particularmente em serviços, são estimados em cerca de 450 mil postos de trabalho. Observe-se que, comparados aos 90 mil funcionários que o PIM empregou em 1990, período no qual a função-produção das empresas incentivadas em Manaus era intensiva em mão-de-obra, isto significa a superação daquele patamar de geração de empregos anterior ao período de reestruturação dos anos 90, desta feita de modo extensivo (menos funcionários empregados, mas com um número maior de empresas maior). Outra diferença a ser salientada é a qualidade dos postos laborais ofertados, hoje exigindo qualificação bem mais elevada e dotados de pacotes de benefícios e remuneração superiores aos disponibilizados no passado. O salário médio dos empregados do PIM, por exemplo, foi de US\$ 346,89 em 2000 para US\$ 631,85 em 2007, traduzindo um incremento de 82,15% ao longo da série (RIVAS, 2009, p. 47).

Diante deste cenário, não há dúvidas que o modelo Zona Franca de Manaus é importante para a região. Contudo, necessita ser aperfeiçoado, mesmo que tenha passado quase 50 anos de sua concepção. A reflexão crítica sobre a formação do trabalhador no contexto globalizante neoliberal é fundamental a fim de centralizar as discussões em torno de um projeto de nação e, conseqüentemente, de uma educação igualitária e inclusiva para os trabalhadores que sustentam o nosso país.

A Pedagogia de Projetos como proposição de itinerário formativo

Em uma perspectiva histórica, as políticas sociais no Brasil não têm atendido às necessidades da população brasileira aos seus direitos sociais, especialmente a educação. Com relação aos índices de analfabetismo, o Brasil ainda apresenta cerca de 30% de sua população semianalfabeta (OLIVEIRA, 2008).

Essa condição limita severamente o desenvolvimento pessoal e profissional, comprometendo o presente e o futuro do país, condenando-o ao atraso social. Demonstra também o grande desinteresse histórico do poder público em considerar a importância e singularidade do trabalho com jovens e adultos.

Nota-se que os docentes atuantes nesta modalidade de ensino tendem a empregar as mesmas práticas de ensino com crianças e adolescentes aos adultos, ocasionando uma infantilização dos alunos jovens e adultos. O resultado é a criação de um ambiente de marasmo, desinteresse e desmotivação pelos estudos, provocando mais uma vez o processo de exclusão escolar – e social – a partir da falta de propostas condizentes para esses sujeitos.

Bicalho e Oliveira (2009) consideram um estudo de análises de teses e dissertações publicadas pelo MEC sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, onde destacaram alguns dados do perfil desses estudantes e a realidade da escola noturna. As pesquisas reafirmam uma problemática que a EJA carrega consigo em relação a seus alunos: o direito que lhes foi negado, isto é, o direito à escolarização básica e, simultaneamente, a efetivação das expectativas de mudança na vida pessoal, profissional e social através dos estudos, que não se concretiza.

Diante desse quadro desafiador é que propomos o trabalho com projetos. Estes visam a contribuir com a melhoria do ensino para essa parcela do alunado da educação de jovens e adultos, que ocupa os bancos escolares em busca de formação e qualificação profissional. O trabalho com projetos caracteriza-se, portanto, na ideia da globalização do conhecimento em oposição a toda fragmentação de saberes. Esta proposta, quando articulada a um tema interdisciplinar, facilita a inter-relação de tarefas e a realização de aprendizagens significativas (BLANCHARD, 2008).

A formação do educador atuante na Educação de Jovens e Adultos necessita ser repensada, pois se percebe que não existe uma política de formação específica para o profissional dessa modalidade. A necessidade de investir na formação e valorização do educador é de suma importância na melhoria da educação como um todo, e da EJA em particular.

Os projetos estão na moda atualmente. As demandas do mundo globalizado, da sociedade do conhecimento e da tecnologia combinam com a ideia de projeto, de projetar, de avançar para frente, de atingir um objetivo. Hoje em dia, na educação, essa concepção aparece em termos da proposta pedagógica, que é entendida como um projeto a ser desenvolvido continuamente e que se refere aos objetivos da escola e ao modo como serão concretizados. Outra ideia relacionada aos projetos na escola aparece também como uma alternativa de ensino e aprendizagem, como uma atividade privilegiada para se trabalhar de acordo com os princípios da interdisciplinaridade e contextualização (MELLO, 2004, p. 51).

A relevância do estudo se pauta na asserção de que a fragmentação dos saberes na escola, sob a forma do excesso de disciplinas, tem prejudicado o desempenho do alunado, levando-o ao fracasso. É possível um currículo significativo que ofereça ao aluno um sentido para o que aprende na escola e, assim, possa em conjunto com o professor, construir e reconstruir o conhecimento.

A Pedagogia de Projetos tem uma larga história nas práticas escolares. Estes estão ligados ao movimento da Escola Nova. Esse movimento questionou a escola tradicional, ao propor um novo olhar sobre as práticas curriculares, do tempo pedagógico, da relação entre professor e aluno etc.

Trabalhar com projetos como estratégia pedagógica facilita a construção de uma nova postura em educação. Mais do que uma técnica atraente de estudos, a metodologia de projetos é uma mudança na maneira de pensar e repensar a escola, a prática docente e os tempos escolares. Trabalhar com projetos é envolver-se com a universalidade. A questão do trabalho baseado na interdisciplinaridade não pode se limitar à mera justaposição de disciplinas, pois:

como toda e qualquer atividade racional e sistemática, o currículo é um poderoso instrumento de fundamentação que vem adquirindo importância significativa no âmbito da Educação. De fato, é importante que se esclareça, antes de qualquer coisa, que a etimologia do termo escolar destacada nessa

reflexão incide no planejamento curricular de forma não fragmentada (...) (GONZAGA, 2008, p. 111).

Nesse sentido, a Pedagogia de Projetos traz uma nova perspectiva para o entendimento do processo ensino-aprendizagem. O ensino baseado somente na formação intelectual do aluno não é mais prioridade em um contexto marcado pelo impacto das mudanças paradigmáticas nos aspectos cognitivos, afetivos e sociais presentes no processo escolar. O aluno necessita de um professor que o oriente na direção da autonomia e da responsabilidade com a própria educação.

A importância do planejamento na Pedagogia de Projetos

Os projetos de trabalho são meios importantes de destacar a ação dos alunos, através de um professor que se comporta como “orientador de estudos”, não mais como repassador de informações muitas vezes desconexas e sem sentido. Portanto são projetos com a intencionalidade essencialmente educativa.

Os projetos de trabalho são projetos desenvolvidos por alunos em uma (ou mais) disciplina(s), no contexto escolar, sob orientação de professor, e têm por objetivo a aprendizagem de conceitos e desenvolvimento de competências e habilidades específicas. Esses projetos são conduzidos de acordo com uma metodologia denominada Metodologia de Projetos, ou Pedagogia de Projetos. A principal diferença entre esses dois últimos tipos é que, enquanto os projetos de ensino são executados pelo professor, os projetos de trabalho são executados pelos alunos sob orientação do professor visando a aquisição de determinados conhecimentos, habilidades e valores (MOURA, 2008, p. 28).

Concordamos com Amaral (2000), sem que isso se torne uma camisa de força, um projeto pode sugerir três grandes etapas: a problematização, o desenvolvimento e a conclusão ou síntese.

1) A problematização é o momento gerador, detonador do projeto. É quando surge uma grande questão ou as questões que serão trabalhadas pelo grupo. Além de significativas, elas deverão, sempre que possível, estar ligadas a experiências prévias dos alunos. É bom lembrar que um trabalho com projetos não se limita a um simples estudo de um tema. Sua característica principal é a resolução de problemas ligados ao tema: mesmo que o professor tenha sugerido o tema, fazer com que os alunos sejam capazes de problematizá-lo é importante para que eles abracem o projeto como seu.

2) O desenvolvimento é consequência natural da primeira fase: surge da necessidade de se planejar as estratégias mais adequadas, para se conseguir as respostas devidas às questões propostas pelo grupo. Também a participação plena dos alunos é fundamental. Podem ser estipuladas e realizadas diferentes estratégias – excursões, entrevistas, debates, pesquisas bibliográficas, pesquisas de campo, entre outras. É a oportunidade para desenvolverem conhecimentos e habilidade intelectuais, sociais, artísticas, psicomotoras etc., por meio de tarefas, como entrevistar pessoas, falar em público, calcular distâncias, ler mapas, desenhar plantas, colecionar espécimes de plantas e/ou pedras e/ou insetos. É também a chance de se estender à vizinhança, às ruas, aos parques, às praças, às fábricas, aos museus, enfim, à comunidade. Nesta Etapa, é muito importante que o professor tenha em mente ainda o desenvolvimento das habilidades de observação e de registro delas por parte dos alunos.

3) A síntese ou conclusão é o fechamento do projeto e não começa exatamente ~~em~~ no final dele. Na verdade, é uma etapa que vem sendo prevista e preparada desde o planejamento e do desenvolvimento. Neste momento, particularmente, tudo é submetido a uma síntese das avaliações realizadas durante o processo. Avalia-se, sobretudo, se as questões levantadas inicialmente foram resolvidas e em que nível. Dependendo da natureza do projeto, nesta fase, tornam-se possíveis: a realização de exposições dos materiais coletados, confecção de painéis, dramatizações, ou simples comemorações ou inaugurações festivas – inauguração de uma biblioteca de classe, por exemplo. As questões levantadas inicialmente são analisadas também nesta fase e, muitas vezes, constata-se a necessidade de ir adiante, a partir de levantamento de novos problemas.



Figura 1: Dinâmica de funcionamento de Projetos na educação. Fonte: Google Imagens, 2014.

A formação do educador exige um novo papel na elaboração de propostas sobre o processo ensino-aprendizagem, exigindo um redimensionamento da função docente.

A opção por um ensino baseado em projetos proporciona a possibilidade de uma aprendizagem pluralista e permite articulações diferenciadas de cada aluno envolvido no processo educativo. A escolha com pesquisas, numa abordagem crítica, que envolva um processo individual ou coletivo, dá aos alunos a oportunidade de diversificar as atividades metodológicas e propicia o acesso a maneiras diferenciadas de aprender. Essa metodologia exige que professores e alunos, ao aprender a aprender, numa ação conjunta, aprendam a investigar e a pesquisar (BEHRENS, 2008, p. 51).

Os projetos escolares assumem a mobilidade de juntos, professores e alunos, construir novos referenciais de ação com caráter intencional, desenvolvendo a autonomia dos alunos que dele participarem, com o intuito de colaborar na concepção de novos saberes, na busca da resolução de problemas, da concepção de aprender através da investigação, tornando a escola um centro de pesquisa por meio do uso de projetos na educação.

Considerações finais

Este trabalho descreveu as nossas inquietações diante das dificuldades do alunado formado por alunos jovens e adultos em uma escola localizada na área central na cidade de Manaus pertencente à Secretaria de Educação e Qualidade do Ensino (Seduc-Am). Pudemos, assim,

após descrever as problemáticas no processo ensino-aprendizagem nessa escola, indicar a Pedagogia de Projetos para esta modalidade de ensino como uma contribuição importante na melhoria da aprendizagem.

A Pedagogia de Projetos é uma proposta que deve ser utilizada no processo de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos, pois se nutre do cotidiano para ser um referencial para a ressignificação da prática docente utilizando-se da pesquisa realizada por professores e alunos.

Defendemos que a utilização de projetos na escola possibilita um novo olhar nas práticas de ensino e aprendizagem, que poderá contribuir com o desenvolvimento de ações pedagógicas que tornem o ensino significativo nas práticas escolares.

É um desafio para a educação brasileira e amazônica proporcionar a participação do alunado por meio de projetos com temáticas construídas a partir da realidade da escola. Logo, trabalhar com projetos na Educação Básica é uma proposta educativa que pode transformar as práticas pedagógicas no contexto da Educação Tecnológica, contribuindo para o sucesso escolar na educação para jovens e adultos, visando o sucesso na vida pessoal e profissional.

Agradecimentos e apoios

Agradeço ao Professor MSc. Antônio Venâncio Castelo Branco, atualmente Reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) pelo apoio imprescindível na elaboração e orientação acadêmica deste texto durante o Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Modalidade PROEJA do IFAM – Campus Centro na cidade de Manaus - Amazonas no ano de 2015.

Referências

- AMARAL, A. “Um olhar sobre os projetos”. In: **Salto para o futuro: um olhar sobre a escola**. Brasília: Mec/Seed, 2000.
- BEHRENS, M. **Paradigma da complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BICALHO, R.; OLIVEIRA, P. **Construindo o conhecimento: ecologia**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- BLANCHARD, Mercedes; MUZÁS, Maria Dolores. **Propostas metodológicas para professores reflexivos: como trabalhar com a diversidade em sala de aula**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- BRANDÃO, C. **Estrutura e Funcionamento do Ensino**. São Paulo: Avercamp, 2004.
- FIDALGO, F. “A avaliação como trabalho e o trabalho da avaliação”. In: OLIVEIRA, R. **Jovens, ensino médio e educação profissional – políticas públicas em debate**. São Paulo: Papirus, 2012.
- FRIGOTTO, G. **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de Século**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GONZAGA, Amarildo. “O currículo numa perspectiva sociocultural”. In: **Currículo e desenvolvimento sociocultural**. Manaus: CEFET-AM/BK Editora, 2008.

MELLO, G. **Educação escolar brasileira**: o que trouxemos do século XX? Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOURA, DÁCIO; BARBOSA, Eduardo. **Trabalhando com projetos**: planejamento e gestão de projetos educacionais. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, M. **Projetos, relatórios e textos na Educação Básica**. Como fazer? Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, R.; ADRIÃO, T. **Organização e ensino no Brasil**: níveis e modalidades na Constituição e LDB. 2ª ed. São Paulo: Xamã, 2007.

RIVAS, A. **Instrumentos econômicos para a proteção da Amazônia**: a experiência do Polo Industrial de Manaus. Curitiba: Ed. CRV, 2009.